



Independência(s) em disputa no Brasil



buição nacional no panorama internacional da História; o reconhecimento das nações amigas de que havia um novo País é a carta de identidade desse episódio da Independência. Haviamo-nos or-





UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor Vahan Agopyan
Vice-Reitor Antonio Carlos Hernandes



PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
Pró-Reitora Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado
Pró-Reitora Adjunta Margarida Maria Krohling Kunsch

Biblioteca Brasileira *Guita e José* **Mindlin**

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN
Diretor Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron
Vice-Diretor Alexandre Luis Moreli Rocha



COORDENADORES

Alexandre Macchione Saes
Antonia Terra de Calazans Fernandes

EQUIPE 3 VEZES 22

Bruna Martins, Franklin Pontes,
Giovane Direnzi, Leticia Scupinari,
Mariana Garcia, Norberto de Assis e
Stephany Barbosa

EQUIPE LEMAD-USP

Adriano Sousa, Isabella Oliveira Cafer,
Luísa Klautau Corrêa da Silva e Mariana
Meneses Fernandes

CAPA

Norberto de Assis

ARTE E ILUSTRAÇÃO

Norberto de Assis

DIAGRAMAÇÃO

Norberto de Assis

REVISÃO

Alexandre Macchione Saes
e Mariana Garcia

DIREÇÃO DE ARTE

Norberto de Assis

CURADORIA

Alexandre Macchione Saes
e Mariana Garcia

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Rua da Biblioteca, 21, Cidade Universitária, São Paulo, SP CEP 05508-065
bbm.usp.br/publicacoes EMAIL bbm@usp.br TEL: 11 2648-0310 / 11 3091 - 1154

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Endereço: Avenida Professor Lineu Prestes, 338 - São Paulo/SP - CEP: 05508-000
Secretaria: (11) 3091 0308 / (11) 3091 0298 - Funcionamento: 09h às 21h (flh@usp.br)



Apresentação



O que são as datas?...

Datas são pontas de icebergs...

Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos dos personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e números. (...)

BOSI. O tempo dos tempos. NOVAES, Adauto. Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 19.

1822, 1922, 2022...

3 vezes 22... são datas que interligam tempos e acontecimentos demarcados por relevâncias históricas. Alcançar os 200 anos de formação de um Estado nacional é certamente um relevante marco para produzir necessárias reflexões sobre sua trajetória constitutiva e sobre o que se almeja como futuro. No dia 7 de setembro de 1822 o Brasil declarou sua Independência de Portugal, iniciando o projeto de construção de uma sociedade autônoma politicamente, mas sem conseguir romper com todas as profundas raízes de seu passado colonial.

Por sinalizarem pontos no tempo, as datas podem ser preenchidas com as mais diferentes vivências e recordações, revistas em seus significados, questionadas em suas atribuições. É nesse sentido que o projeto 3 vezes 22, constituído na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – BBM, da Universidade de São Paulo, parte das datas dos eventos com o objetivo de produzir conteúdo e iniciativas para estimular análise crítica em torno dos contextos das celebrações do bicentenário da Independência do Brasil, do centenário da Semana de Arte Moderna e da projeção de futuro delineada para 2022.

Os Kits 3 vezes 22 foram produzidos em conjunto com o Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMAD, do Departamento de História da USP. O material incorpora documentos históricos de diversificada tipologia (cartas, pinturas, jornais, imagens, mapas, entre outros), um texto de orientação e contextualização direcionado ao professor e sugestões de questões para serem trabalhadas com os/as estudantes. Os kits oferecem, nesse sentido, material didático para docentes e estudantes com propostas para interpretar e intervir no debate envolvendo as celebrações de 2022.

Por meio da documentação primária, selecionada a partir de indagações históricas contemporâneas, os alunos poderão entrecruzar as temporalidades de 1822-1922-2022, confrontando as continuidades e rupturas de diferentes vivências na sociedade brasileira; terão oportunidade de confrontar versões canônicas da história do Brasil com eventos negligenciados por nossa memória coletiva; e, enfim, serão convidadas a fazer aproximações com experiências de vida de personagens e de suas produções, que são pouco conhecidas, mas que contam histórias valiosas, de como suas ações no passado projetavam alternativas para o futuro.

Em suma, os Kits 3 vezes 22 se inserem na preocupação de nossa historiografia de reescrever a história do Brasil, incorporando personagens, eventos e, acima de tudo, projetos de país suprimidos nos últimos duzentos anos. Ao problematizar a narrativa da história do Brasil e ao expandir e complexificar os olhares sobre nosso passado, acreditamos que abrimos um campo para a protagonismo dos/das estudantes que podem se apropriar do processo de construção do conhecimento, como de intervenção do nosso processo histórico.



Leitura dos documentos

O kit didático “Independência(s) em disputa no Brasil” busca evidenciar como a história é um campo de embates sobre narrativas que constituem nossa memória coletiva. Nesse sentido, o kit confronta a versão canônica da Independência do Brasil, da efeméride do grito do Ipiranga, no 7 de setembro de 1822, com narrativas que destacam o papel de outros personagens, regiões e contextos no processo de Independência do Brasil.

O kit começa apresentando as comemorações do 2 de julho de 1823 na Bahia, momento em que os portugueses foram expulsos da região, a simbólica data da Independência do Brasil para o Estado. A intenção de apresentar essa data relacionada à Independência, confrontada com o 7 de setembro de 1822, é de problematizar os sujeitos históricos envolvidos no acontecimento. Assim, enquanto o **documento 1** ressalta a importância do 2 de julho para a população baiana, o **documento 2**, o samba-enredo da Mangueira de 2019, insere esse evento como parte da “história que a história não conta”, destacando o papel dos negros como atores na formação da sociedade brasileira.

O **documento 3**, um trecho do livro *A história da Independência do Brasil* de Adolfo Varnhagen, redigido no século XIX, narra o grito do Ipiranga, presente em nosso imaginário sobre o acontecimento de 1822. A versão de Varnhagen é exemplar na construção do “mito fundador” do país, destacando os personagens e os episódios que marcaram a origem do Brasil independente. O texto é confrontado com o **documento 4**, em que a mesma cena do grito do Ipiranga é descrita por Luís Gonzaga Duque Estrada, escritor brasileiro, que produz uma versão da Independência destacando o papel de José Bonifácio como verdadeiro articulador político da ruptura com Portugal. Escrevendo depois da Proclamação da República, o autor é influenciado pelo revisionismo que reduz o papel de D. Pedro, buscando construir novos símbolos nacionais de acordo com os ideais republicanos.

Os **documentos 5 e 6** recuperam as comemorações da Independência durante o sesquicentenário de 1972. Em meio ao período militar, uma propaganda de jornal e uma foto da chegada de Portugal dos restos mor-

tais de D. Pedro I, reforçam as imagens do “mito fundador”. Os documentos sugerem a discussão de como o governo militar, assim como parte da elite empresarial, usou a data da Independência para construir uma história oficial do Brasil, que expressava também um projeto político de país.

Se os **documentos 5 e 6** buscam destacar a versão “oficial” da nossa história, os **documentos 7 e 8** são contrapontos à essa interpretação. O **documento 7**, um trecho da obra de José Honório Rodrigues, publicada durante o governo militar, questiona os resultados da ruptura com Portugal, mostrando os limites do conceito de “Independência” para a sociedade brasileira. O **documento 8**, por sua vez, uma memória da historiadora Urda Alice Klueger retoma as comemorações do governo sobre o sesquicentenário, revendo o sentido político do evento e as razões daquele governo autoritário de induzir um sentimento patriótico na população.

Após problematizar os personagens e as versões da Independência, os **documentos 9 e 10** voltam para o processo de emancipação da Bahia. O **documento 9**, redigido em 1972 por Zélia Cavalcanti, é uma narrativa sobre o desdobramento do 2 de julho, em que o capitão inglês Lorde Cochrane é visto como personagem

central na expulsão dos portugueses da região. O **documento 10**, por outro lado, redigido já nos anos 2000, por Richard Graham, reconstrói a mesma campanha de emancipação da Bahia. O autor, todavia, ressalta a centralidade da população local, de escravos, libertos, negros livres e brancos pobres, na construção da Independência.

Por fim, o **documento 11** apresenta o decreto de reconhecimento do 2 de Julho como data nacional. Dialogando diretamente com os dois primeiros documentos do kit, o decreto assinado pela presidenta Dilma Rousseff em 2013, deve ser visto como um ato simbólico de reconhecimento das diversas Independências, de seus espaços e momentos, assim como do papel da população na construção da história do Brasil.

No contexto do bicentenário da Independência do Brasil, o presente kit busca sensibilizar para a importância de avaliar criticamente as narrativas sobre o processo de nossa emancipação de Portugal. Acreditamos que ao problematizar o papel dos personagens e dos eventos, nos é permitido apreender o processo a partir de sua real complexidade, condição fundamental para captar as interpretações em disputa sobre a(s) Independência(s) em 2022.



Baixa de Quintas →
↑ Lapinha Liberdade

Proposta didática

Documentos 1 e 2

- 1) O que são os documentos 1 e 2?
- 2) A qual efeméride o documento 1 se refere? Em que dia essa comemoração acontece? {Glossário: Efeméride - comemoração de data simbólica}
- 3) O documento 2 faz referência ao mesmo evento histórico do documento 1.
 - a) Identifique no texto a expressão que remete ao evento.
 - b) Por meio da leitura de todo o documento, identifique quais são os personagens históricos destacados.
- 4) Na sua cidade acontecem desfiles ou cortejos de comemoração da Independência? Em que dia do ano eles costumam acontecer?
- 5) A partir da leitura dos documentos é possível dizer que existiram Independência(s) no Brasil?

Documento 3

- 6) Quem escreve o documento?
- 7) Faça uma segunda leitura do documento sublinhando os adjetivos que o autor usa para caracterizar o Brasil.
- 8) Quem é o jovem herói, personagem retratado no texto?
- 9) Como Francisco Adolfo de Varnhagem caracteriza esse personagem e o evento histórico?
- 10) Pense como esse fato histórico já foi narrado para você na escola. Quais são as semelhanças e diferenças com essa versão narrada no documento?

Documento 4

- 11) Quem escreve o documento?
- 12) Qual é o evento histórico retratado no documento?
- 13) Quais são as diferenças sobre o personagem principal nos documentos 3 e 4?
- 14) É possível afirmar que, na versão de Gonzaga Duque, outro personagem aparece com significativo destaque? Quem ele é e por que ele teria cumprido com um papel relevante no processo de Independência?

15) Gonzaga Duque escreveu o documento em 1898, após vivenciar a abolição do regime do trabalho escravo e a Proclamação da República.

a) Você acredita que esses eventos influenciaram alguma mudança na forma de narrar o episódio da Independência do Brasil?

b) Podemos supor que o autor defendia ideias monarquistas ou republicanas?

Documentos 5 e 6

16) O que são esses documentos 5 e 6?

17) Em que ano e período da história do Brasil esses documentos foram publicados? Qual era a efeméride comemorada naquele momento?

18) Leia atentamente o documento 5:

a) Quem são os personagens destacados pelo documento? Como eles representam o Brasil?

b) Quais são as imagens retratadas no documento? O que elas representam naquele contexto histórico?

c) Pense nas frases “Independência ou morte!” e “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Quais são os seus sentidos, pensando em 1822 e 1972?

19) Nos documentos 3 e 4 a Independência é retratada a partir de visões diferentes. De quais destas versões da Independência os documentos 5 e 6 estão mais próximos?

20) Qual é o contexto político vivido naquele momento? Converse com os colegas sobre como aquela versão da história da Independência poderia interferir na forma como a sociedade pensava o país.

Documentos 7 e 8

21) Os documentos 7 e 8 trazem visões acerca do Brasil após o período da Independência. A partir da análise do documento 7 responda:

a) Quem escreve o documento e em que ano ele foi publicado?

b) Segundo o autor, a Independência foi capaz de desfazer estruturas sociais do domínio colonial português? Quais mudanças ela trouxe de fato?

22) Segundo o documento 7, qual grupo permaneceu no poder do país após sua Independência?

23) O documento 8 é uma memória sobre o ano de 1972 e o evento do sesquicentenário realizado pelo governo militar. É possível considerar que tal episódio foi relevante para a autora? Destaque a passagem do documento que justifique sua resposta.

24) A partir da análise dos documentos, é plausível considerar que a Independência foi um marco da união do país?

25) Compare a visão da Independência refletida por José Honório Rodrigues no documento 7 com a visão relatada por Francisco Varnhagen, no documento 3. Quais são os sentidos de Independência presentes em cada um dos textos?

Documentos 9 e 10

26) Os documentos 9 e 10 também tratam do processo de Independência do Brasil.

a) Registre qual é o ano e o lugar retratado pelos documentos.

b) A partir dos documentos, é possível dizer que o grito do Ipiranga concretizou a Independência do Brasil?

27) Compare os documentos 9 e 10 e indique quais são os personagens destacados nas lutas de Independência em cada um dos documentos.

28) Segundo o documento 9, quem se beneficiava com a Independência do Brasil? E de que forma isso aconteceria?

29) Já no documento 10, quem são os atores sociais destacados? O que há de novo nessa perspectiva da Independência quando comparada com todas as outras narrativas anteriores?

30) Retome as narrativas da Independência trabalhadas no kit. Discuta com seus colegas, a partir dos personagens destacados em cada uma das leituras, as diferentes interpretações da Independência.

Documento 11

31) O que é esse documento?

32) Quem é a pessoa responsável pela elaboração do documento?

33) Como esse documento dialoga com as demandas existentes nos documentos 1 e 2?

34) Compare o documento 6 com o documento 11.

a) Como diferentes governos narraram a Independência do Brasil?

b) Com a leitura e confrontação dos documentos, é possível captar os sentidos das versões da Independência(s) em disputa em diferentes contextos históricos?

c) Debata com os colegas se a construção de versões de nossa história pode ter algum tipo de implicação política.

d) Procure imaginar quais as disputas políticas que podem ocorrer nas comemorações dos 200 anos de Independência que irão ocorrer em 2022.

Documento 1

Desfile do 2 de Julho não vai acontecer pela primeira vez na história

Tradição acontece há 197 anos; homenagens serão simbólicas e sem público

As comemorações da Independência da Bahia nunca passaram por um baque como o do próximo Dois de Julho em seus quase 200 anos de história. A pandemia do coronavírus impôs uma nova rotina e impediu que baianos e turistas acompanhem o cortejo pelas ruas do Centro Histórico de Salvador. Ou mesmo que o fogo simbólico saia de Cachoeira em desfile, com destino à capital.

[...] Membro do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Milton Moura conta que durante a II Guerra Mundial (1939-1945) o Carnaval chegou a ficar suspenso, mas o Dois de Julho continuou acontecendo normalmente.

No ano de 1943, por exemplo, a festa aconteceu debaixo de uma chuva muito forte. Há registros de uma multidão protegida com guarda-chuvas fazendo o cortejo.

CORREIO. Salvador, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/desfile-do-2-de-julho-nao-vai-acontecer-pela-primeira-vez-na-historia/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

Documento 2

Samba-Enredo Mangueira - 2019

[Enredo: História pra Ninar Gente Grande]

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa, as multidões

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu dengo
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobri-
mento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

[Autores: Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino; Intérprete: Marquinho Art' Samba]
Disponível em: <http://liesa.globo.com/2019/por/o3-carnaval/sambasenredo/mangueira/mangueira.html>. Acesso em: 10 de maio 2021.





Disponível em: <https://sinterpba.org.br/index.php/2019/07/05/dois-de-julho-independencia-da-bahia/> Acesso em: 10 de Maio 2021.

Documento 3

“Não era mais possível temporizar. E, inspirado pelo gênio da glória, que anos depois, no próprio Portugal, lhe havia de ser outras vezes tão propício, não tardou nem mais um instante: e passou a lançar, dessa mesma província que depois conceituava de ‘agradável e encantadora’, dali mesmo [perto do ribeiro do Ipiranga], do meio daquelas virgens campinas, vizinhas da primitiva Piratininga de João Ramalho, o brado resolutivo de ‘Independência ou morte!’.

Com esta resolução, acabava de salvar o Brasil, propondo-se a formar de todos ele unido uma só nação americana. Nem podia mais duvidar da união de todas as províncias, quando já haviam manifestado oficialmente os seus sentimentos as da Bahia, Pernambuco e outras, e era reconhecido que as demais o não faziam pela pressão exercida pelas tropas que as ocupavam; e para estas, pelo conhecimento pessoal que possuía, não só dos fluminenses, como dos mineiros, e agora dos paulistas, não tinha a menor dúvida de que encontraria entre eles milhares de peitos valentes e patrióticos para vencer e debelar.

Estava, de fato, proclamado o Império, não já o luso brasileiro, formado por D. João VI, e que então findava, mas o brasileiro puro. Regressando o jovem herói à cidade e indo essa noite ao teatro, repetiu-se aí o brado de Independência ou morte”.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História da independência do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1972, p.216-217.

Documento 4

O próprio D. Pedro partilhava desse entusiasmo. A agitação revolucionária e as comoções duma aventureira rebeldia contra Portugal, afinavam -se com o seu temperamento feroso. (...) Desde esse momento podia-se contar com a independência como a ideara José Bonifácio.

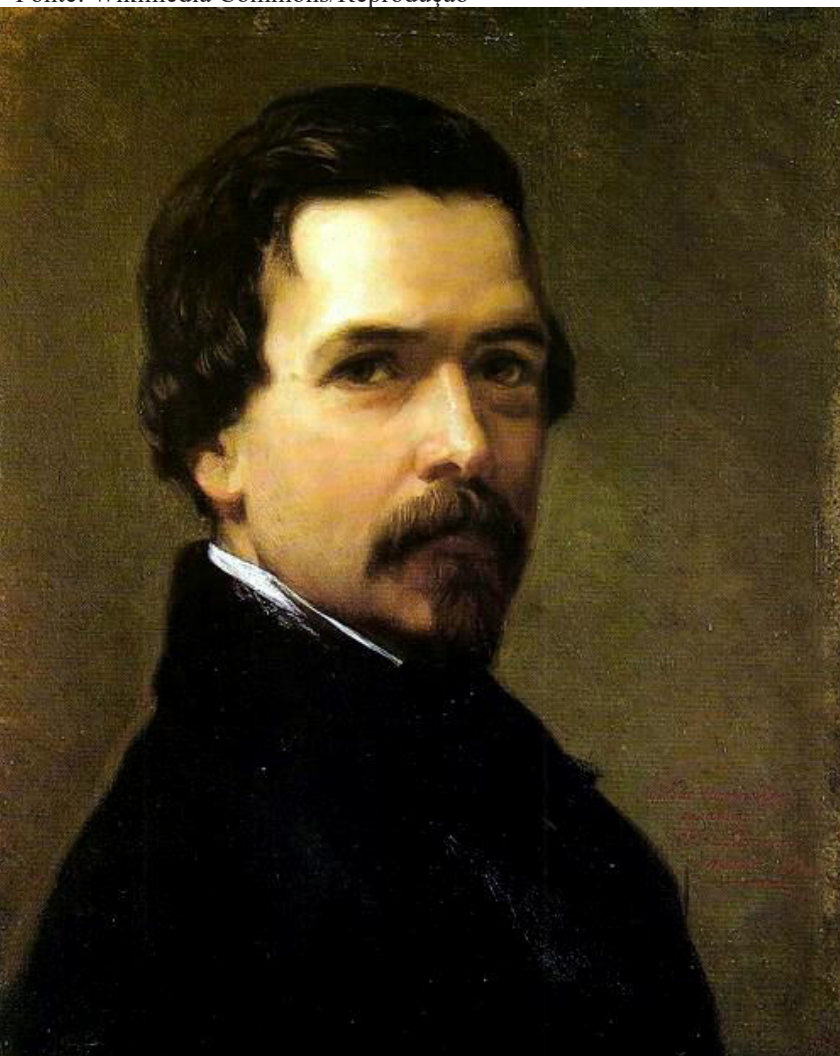
Em fins de agosto partiu para São Paulo o emissário Pedro Belgrano, ao encontro do príncipe, com as notícias de Portugal, uma longa e comentada carta de José Bonifácio e outra carta da princesa regente. O emissário, que tinha recebido ordem de apressar a jornada, foi encontrar D. Pedro nas proximidades do Ipiranga, de volta de Santos a capital da província. Eram três e meia horas da tarde de 7 de setembro.

Quando ele chegou à presença de D. Pedro, este, que vinha fazendo uma aborrecida jornada por cansaço da ligeira enfermidade do aparelho digestivo, estava unicamente acompanhado por Manoel Marcondes de Oliveira e Mello, depois barão de Pindamonhangaba. Sofregamente tomou da correspondência e ali mesmo leu-a, com visível emoção, murmurando: É tempo! Ato continuo esporeou o muar que o carregava, indo ajuntar se com a vanguarda de sua comitiva, composta de D. Luiz de Saldanha da Gama (marques de Taubaté) gentil homem de sua Gamara Francisco de Castro Canto e Mello, ajudante Francisco Gomes da Silva (por alcunha o Chalaça), tenente-coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo, padre Belchior e criados particulares, João Carlota, João Carvalho, e sua guarda de honra. Fazendo-a saber do que continha a correspondência, arrancou do chapéu e arremessou longe de si o tope lusitano, desembainhou a espada e num gesto decidido e arrogante, erguendo-a, gritou: Independência ou Morte!

No mesmo instante a comitiva descobriu as lâminas, estendendo-as em continência; D. Pedro fez cair a espada sobre o solene cruzamento das outras, e no silêncio da colina, àquela hora tranquila de um fim de tarde, prestaram o juramento de honra: independência ou Morte!

Rápido espalhou-se pela cidade o brado do Ipiranga, e alegrias e festas foram seus ecos. A obra dos patriotas fluminenses, desenvolvida e modificada por José Bonifácio, estava realizada. D. Pedro tomou-se o ídolo do povo”.

Luís Gonzaga Duque Estrada. **Revoluções brasileiras: resumos históricos**. Typ. do “Jornal do Comercio” de Rodrigues & Co., 1898, p.85-86.



**Francisco Adolfo
de Varnhagem**



**Luís Gonzaga
Duque Estrada**

7

DE 100 MILHÕES

7 foi o grito. Às margens de um regato manso e tranqüilo. Colina histórica. Habitada hoje por todas as raças. Num país de toda gente. Espada que cintilou onde hoje tremulam bandeiras. Bandeiras que correram as ruas na festa do tri. 7 de brío. 7 de coragem. Verde e Amarelo de onde surgiram Caxias, Castelo General Médiel. Prá frente Brasil. Ninguém segura este país. Ame-o ou Deixe-o. Brasil eu te amo. Brasil Grande. Grande, Brasil! Ontem, Hoje, Sempre: Brasil! 7 de Setembro que é nosso. No pensamento. No coração. Nos olhos brilhantes das crianças. Nas paradas. Nos desfiles. Nas bandas. Nas lanfarras. É tempo de Brasil. Falamos.





7


DAS OUTRAS COISAS



7 DO GARRINCHA.
7. Sete. VII.
7 E 7 SÃO 14, COM MAIS 7..
7 DIAS "ELE" DESCANSOU.
7 MARAVILHAS DO MUNDO.
7 NOTAS MUSICAIS.
7 MARES.
7 COLINAS DE ROMA.
7ª ARTE.
7 PALMOS DE TERRA.
CIDADE DE 7 LAGOAS.
SÃO SÉTIMO, SANTO.
7ª CÉU.
7ª PARTE.
BRANCA DE NEVE E OS 7 ANÕES.
7 BARRAS DO CAMARÃO.



"Seo" 7 DA LYRA.
7 BELO.
7 ANOS DE VACAS MAGRAS.
7 DA SORTE.
7 ANOS DE PASTOR.
JACÓ SERVIU LABÃO.
PINTA O 7.
7 CONTA DE MENTIROSO.
BOLA 7.
É TEMPO DE 7.
SERRA DAS 7 VOLTAS.



7 DA MATINA.
7ª SINFONIA.
7 CASCAS, botânica.
CACHOEIRA DE 7 QUEDAS.
CIDADE DE 7 BARRAS.
CIDADE DE 7 CACHOEIRAS.
7 VIRTUDES DA CACHAÇA, aquecer, refrescar, animar, clarear, sarar, alegrar, e fazer esquecer.
7 CASACAS, botânica.



7 VIDAS DO GATO.
7 CIDADES, no Piauí.
7 CONTRA TEBAS, lenda Grega.
7 DE MARÇO, navio-transporte Português que veio ao Brasil (5/3/1882) para forçar levar D. Pedro para Europa.
7 ESTRÉLO, nome vulgar dado à constelação das Plêiades.
CACHOEIRA DAS 7 ILHAS.
7 MASTROS, veleiro tipo Americano.
VERSO DE 7 SÍLABAS.
ESTA PÁGINA 7.




VELEIRO VEÍCULOS S.A.
REVENDEDOR AUTORIZADO VOLKSWAGEN
R. BRÁS CUBAS, 353 - TEL. 2.7143 - VILA MATIAS

Documento 6

No Sesquicentenário da Independência, ditaduras e restos mortais de Dom Pedro I. Há 45 anos, governos antidemocráticos de Portugal e Brasil uniram-se para transformar vinda dos despojos do imperador em celebração de cunho nacionalista. Disponível em: <https://almeidalopes.blogspot.com/2012/06/sesquicentenario-da-independencia-1972.html> Acesso em: 04 de maio de 2021.



Correio Braziliense, 2 de setembro de 1971, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_02&pesq=sesquicenten%C3%A1rio&pasta=ano%20197&pagfis=14464. Acesso em: 04 de maio de 2021.

Documento 7

“A sociedade brasileira que se formara no Rio de Janeiro era expressão de todo o Brasil. Podia haver pequenas diferenças de costumes, de hábitos, pronúncias diferentes, comidas típicas, mas a fase colonial, os trezentos e vinte e dois anos, a comunidade de interesses econômicos e sociais moldara uma estrutura igual ou quase igual, e um sistema de relações de classes que era o mesmo. (...) A mesma estrutura, em resumo: a minoria de senhores, a maioria de escravos, e, no meio, uma camada livre, mas pobre, sem terra e sem poder (...). A sociedade nacional ou provincial trazia a marca da servidão colonial, e como ela permaneceria longo tempo, mesmo depois de concluída a independência. No lugar do colonialismo português, rotineiro, conservador, antiprogressista, se instalaria um colonialismo nacional, imposto pela minoria privilegiada ao grande povo brasileiro. A independência não desfez a estrutura social e as relações de classe. As mudanças são formais, jurídicas, sem consequências sociais”.

José Honório Rodrigues. **Independência: revolução e contra-revolução**. Economia e Sociedade. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975, p.173-182.



EB104

Urda Alice Klueger. “Sesquicentenário da Independência”. Revista Cerrado Cultural. Blumenau: março de 1997. Disponível em: <https://revistacerradocultural.blogspot.com/2017/08/sesquicentenario-da-independencia.html>. Acesso em: 11 de abril de 2021.

“Antes do governo Sarney, porém, vivemos a Ditadura, e ela nos impingiu coisas mais ridículas ainda. Lembram-se do aconteceu em 1972?

Em 1972 fazia cento e cinquenta anos que D. Pedro I havia proclamado a independência do Brasil. O centenário de tal fato já havia sido devidamente comemorado cinquenta anos antes, mas o governo da Ditadura estava precisando de algum motivo marcante para fazer o povo vibrar de patriotismo, e não deu outra: resolveu festejar o Sesquicentenário da Independência. Nunca tínhamos ouvido, antes, a palavra sesquicentenário, mas tivemos que embarcar num ano de comemorações em cima da palavra desconhecida, com direito ao Hino do Sesquicentenário e tudo o mais.”

Documento 8

Documento 9

“Contra os interesses portugueses e a favor do novo Império estaria o governo britânico. Sendo a Inglaterra o país mais beneficiado com a abertura dos portos brasileiros e tratados de 1810, não consentiria em perder as vantagens de comércio com o Brasil que adquiria: exigência do grau de desenvolvimento industrial que atingira. Aos ingleses interessava mais manter as vantagens auferidas no comércio com o Brasil (que manter boas relações com a monarquia portuguesa). Assim, não é de estranhar a presença de um Lorde inglês (Cochrane), que já participara do movimento de independência do Chile, como comandante da esquadra que em maio de 1823 seguiu para a Bahia, com o fim de fortalecer o bloqueio às tropas portuguesas”.

Zélia Cavalcanti. “O processo de Independência da Bahia”. Carlos Guilherme Mota. *1822: dimensões*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972, p.248-9.



Richard Graham, “A luta pela subsistência em Salvador”. István Jancsó. *Independência: história e historiografia*. São Paulo: Hucitec, 2005.

“Assim, de um lado, conclui-se que os portugueses não teriam resistido por tanto tempo se não fossem as ‘sumacas de farinha’ que continuaram chegando a Salvador a despeito das proibições dos rebeldes, pois os documentos deixam bem claro que não foram as remessas vindas de Portugal que garantiram o sustento dos sitiados da cidade. Contudo, de outro lado, também é evidente que fornecer víveres aos portugueses foi antes a exceção do que a regra. (...) Não quero subestimar a importância dos soldados brasileiros que bloquearam as rotas por terra em direção a Salvador, evitando a chegada do gado e de carros de boi e tropas de mulas transportando farinha e outros gêneros, nem tampouco o papel que tiveram na defesa das vilas do Recôncavo contra as incursões portuguesas. Não obstante, de tudo o que precede, pode-se deduzir que foi a interrupção da principal via de abastecimento da cidade – isto é, o mar – a causa predominante da derrota militar portuguesa. Para tanto, escravos, libertos, negros livres e brancos pobres – muitos como marinheiros, alguns como mestres, uns poucos como proprietários – participaram dos esforços liderados pelos senhores de engenho e proprietários de escravos. Ao agir assim, esses barqueiros contribuíram decisivamente para a Independência e a unidade do Brasil.”

Documento 10

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12819.htm. Acesso em: 5 de maio 2021.

LEI Nº 12.819, DE 5 DE JUNHO DE 2013.

Inclui o dia 2 de julho de 1823 entre as datas históricas do calendário de efemérides nacionais.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O dia 2 de julho de 1823, alusivo à consolidação da Independência do Brasil no Estado da Bahia, passa a integrar as datas históricas do calendário de efemérides nacionais.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação Brasília, 5 de junho de 2013; 192º da Independência e 125º da República.

DILMA ROUSSEFF

Marta Suplicy 2 de julho de 1823 a Independência da Bahia

Documento 11



LAVA
RAPIDO

